

HISTÓRIAS DE VIDA E FORMAÇÃO: TRAJETÓRIAS, EXPERÊNCIAS E RECONSTRUÇÕES DO SER NO SEU SABER-FAZER

Emerson Augusto de Medeiros- Aluno do Curso de Mestrado em Educação, no Campo Temático de Formação Humana e Desenvolvimento Profissional Docente, da Faculdade de Educação, da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte-UERN. Integrante do Grupo de Estudo e Pesquisa Alfabetização e Letramento-GEPAL/UERN

Ana Lúcia Aguiar Lopes Leandro- Doutora em Sociologia. Professora e Orientadora no Mestrado em Educação, na linha de pesquisa de Formação Humana e Desenvolvimento Profissional Docente, da Faculdade de Educação, da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte-UERN. Membro do Grupo de Estudo e Pesquisa Alfabetização e Letramento-GEPAL/UERN

RESUMO:

Este artigo discute a respeito das Histórias de Vida de pessoas que construíram seus saberes e fazeres profissionais ancorados na experiência, no sentir e no agir do dia a dia. O saber da experiência é um saber exclusivo dos indivíduos que tem sua trajetória fundamentada na prática. A pertinência científica e social deste trabalho está ancorada no sentido de percebermos que a educação atual caminha valorando os conhecimentos oriundos das ciências, pouco se dando crédito as construções dos saberes que brotam da labuta, do pensar vivido cotidianamente das pessoas comuns. Em uma entrevista semiestruturada e nas narrativas dos sujeitos pesquisados alicerçamos nosso estudo. Os autores que compõem este trabalho tais como: Josso (2010), Passegi (2008), Bosi (1994), (Freire 1997) discutem aspectos qualitativos para compreensão e reflexão da pesquisa, bem como da pertinência das (auto) biografias como recurso para a formação. Percebemos nas histórias de vidas dos sujeitos que constroem seus saberes e fazeres galgando-se na experiência, nas raízes culturais, que suas ações e práticas são recheadas de sentidos. Vender, conquistar o cliente, fazer contas, divulgar mercadorias, trocar instrumentos são algumas atividades e comportamentos que reforçam a identidade desses sujeitos. Afirmamos que a experiência é fator decisivo no sucesso de qualquer profissão. A alteridade encontrada em ambos os atores do estudo é um ponto impar no equilíbrio de suas práticas e ações. Participativos na vida, integrados no trabalho, os sujeitos da pesquisa, validam o saber experiencial como teia que conduz suas vidas, e os torna sujeitos de destino.

PALAVRAS-CHAVE: Histórias de Vida. Saberes e Fazeres. Formação.

INTRODUÇÃO:

As pesquisas (auto) biográficas e de histórias de vida no contexto educacional encontram-se em grande crescimento, como assinalam Josso (2010), Passegi (2008), Nóvoa (2000), dentre outros.

Nascido na década de 80, do século passado, na França, resultante de um movimento conhecido, como “Histórias de Vida e Formação”, o gênero autobiográfico tem adquirido e conquistado espaços nos mais importantes centros de pesquisas da área das ciências, tanto no âmbito nacional, quanto no cenário internacional (JOSSO, 2010).

As histórias de vida permitem explicitar em sua totalidade, a singularidade do ser e com ela perceber o universal que se encontra e constitui o homem, articulando espaços, tempos e diferentes dimensões da vida e de nós mesmos.

Encontramos em Josso (2010), afirmações que corroboram com o pensamento destacado acima, pois, para ela, as histórias de vida explicitam realidades sociais, culturais, como ainda elementos que pertencem ao sujeito (sentimentos, emoções, valores, crenças, desejos, dentre outros). Através das narrativas, temos a possibilidade de compreender as questões identitárias, expressões da existencialidade, mediante a interpretação e a reflexão do vivido.

Cumpramos acrescentar que, além dos contributos mencionados anteposto, com as histórias de vida, há a oportunidade de crescimento e formação dos sujeitos pesquisadores, não os delimitando apenas ao entendimento do fenômeno estudado.

Passégi (2008, p.25) afirma que:

O trabalho de pesquisa a partir dos relatos de vida, ou melhor, dos relatos centrados sobre a formação [...] permite ter a medida das mutações sociais e culturais nas vidas singulares e relacioná-las com a evolução dos contextos de vida profissional e social.

O artigo em discussão objetiva discutir acerca das histórias de vida de sujeitos que construíram sua formação galgada nas raízes da experiência, no saber-fazer, na labuta cotidiana da vida.

Concebemos os saberes da experiência como saberes fundantes, que se propagam e constroem-se mediante o cultivo constante do sentir, que utilizam a ação como aporte para efetivação, eles emergem no dia a dia, no pensar plural (relacionando o vivido e os sentidos, a criação, o fazer e o exercer frente à vida) e singular (buscando em cada instante, tentativas de crescimento, estas intrínsecas a si).

Para Freire (1997), os saberes da experiência carregam o desejo da construção, da mudança, da vitória, comungam com o vivido novos conhecimentos, utilizando também os já existentes como suporte para novas práticas, incorporam o individual e o

coletivo sob a forma de habilidades oriundas dos processos vitais, no percurso histórico de sua formação humana e profissional.

As reflexões aqui tecidas resultam de momentos ímpares construídos na disciplina Memória, Formação e Pesquisa Autobiográfica, do curso de pós-graduação (Strictu-sensu), em Educação, da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte/UERN.

Seria negligência omitir que os diálogos desenvolvidos na disciplina elencada anteriormente, geraram contributos incomparáveis à formação dos alunos, que participaram da “viagem¹” a qual, salientamos neste trabalho. A professora Doutora Ana Lúcia Aguiar Lopes Leandro, ministrante da disciplina, com sua maturidade e sabedoria, com sua sensibilidade e com sua ampla experiência na educação, nos saberes e fazeres pedagógicos e humanos oportunizou-nos compreender e conhecer a abordagem (auto) biográfica de pesquisa e metodologia da História Oral.

Encantamentos, junto a outros sentimentos e sensações bailaram com as reconstruções (auto) biográficas de alguns discentes no decorrer dos estudos e encontros. A cada história narrada, descobertas, reflexões e autorreflexões surgiam das recordações, que as memórias revisitadas explicitavam.

Rememorando o pensamento de Josso (2010), acrescentamos que o processo formativo do ponto de vista da formação focada no sujeito aprendente coloca-o não simplesmente em contato com suas subjetividades, mas proporciona comparar os conhecimentos científicos com seus saberes culturais, com seus saberes vivenciais, valorando um pensar transcendente aos problemas globais, visto que o entrecruzamento de ambos os saberes, o faz reconhecer-se como sujeito histórico, social e político, o situa na compreensão da vida e também da formação.

Partindo das aprendizagens e do amadurecimento construído, nas discussões realizadas no contexto acadêmico, resolvemos desenvolver uma pesquisa utilizando como atores sociais, pessoas que sustentam seus saberes e fazeres nas experiências que a vida lhes destina.

Reportamo-nos a lugares (dois mercados municipais no centro de Mossoró-RN), nos quais o cotidiano é marcado pela constante luta pela sobrevivência, pelo esforço em conseguir as metas e os sonhos, explicitados através do suor, pelas vozes guerreiras que evocam liberdade e sabedoria, fruto da essência e da experiência.

¹ O termo viagem é utilizado para simbolizar os momentos singulares, que vivenciamos no espaço acadêmico, no contexto da disciplina rememorada neste texto.

Como atores e autores sociais do estudo, destacamos dois comerciantes, que no decorrer deste texto, serão pontos cernes para reflexão e entendimento das discussões. Utilizamos a abordagem qualitativa de pesquisa, visto que não pretendíamos quantificar dados, mas compreendê-los em seu contexto social e histórico.

Para concretizar o objetivo proposto no estudo, utilizamos as narrativas dos sujeitos atores/autores sociais da pesquisa, como recurso metodológico, alicerçando-nos em uma entrevista semiestruturada e nas histórias de vida a pertinência de nosso trabalho. Logo através delas, temos a oportunidade de reconhecer certos aspectos intimamente ligados à condição de ser do homem, como também de perceber os processos e as construções que este desenvolveu em sua trajetória de vida.

(AUTO) BIOGRAFIAS E RECONSTRUÇÕES DE SI: LUTAS, CONQUISTAS E TRAJETÓRIAS

A inter-relação entre nossas lutas e conquistas ultrapassa o plano de nossa carreira profissional, interligando-se intimamente com a vida prática e pessoal. O contexto social torna-se fator decisivo para definição do que somos e do que queremos.

Para Morin (2010) a identidade que temos, enquanto ser humano segue padrões históricos, culturais formando-se não unicamente no hoje, em um tempo definido e linear, mas desenvolvendo-se processualmente, segundo situações reflexivas impostas pela experiência. Esta por sua vez, sendo um dos pilares para construção da vida humana. Os dois atores da pesquisa, centrais neste trabalho, narram sua trajetória de vida, incluindo suas lutas, sonhos e conquistas, explicitando em suas narrativas, aquilo que viveram, o que são e como se formaram enquanto sujeitos.

Os primeiros momentos do estudo deram-se ao chegar aos *lócus* (Campos empíricos) de nossa investigação, identificamos nos olhares, nas vozes que ecoavam em meio aos movimentados ambientes, nos gestos e nos fazeres dos (as) senhores (as) que lá trabalham, o ser profissional dotado de gênero. Esse singular, com suas características patentes, homens e mulheres com saberes próprios construídas na experiência que a vida lhes ofereceu.

No segundo momento, nos direcionamos aos atores sociais da pesquisa, que nos receberam calorosamente e, por seguinte, apresentamo-nos e discutimos sobre a natureza do trabalho realizado². Após estes momentos, iniciamos as entrevistas. Como

ponto de partida, pedimos a ambos entrevistados que narrassem suas vidas, suas trajetórias³.

Eu nasci em uma comunidade por nome de Riacho, sendo registrada no município de Assú. No Ano de 58 era uma seca, meu pai foi morar na cidade de Assú, onde depois saímos para Grossos, por causa do trabalho que meu pai arrumou. Lá eu me formei mulher e me casei aos 16 anos de idade, meu esposo tinha 18 anos, todos paravam para ver, aquelas crianças tão novas já casadas, pois naquela época era estranho duas pessoas tão jovens se casar, mas toda vida fui uma pessoa muito determinada e batalhadora, tive cinco filhos, entre os quais, criei três, dois faleceram. Desde muito cedo batalhamos, meu esposo logo arrumou emprego, na cidade de Governador e eu o acompanhei, não dando certo, retomamos a Grossos e por falta de oportunidade para viver, vim morar em Mossoró, e aqui estou há 30 anos. (FRANCISCA⁴)

Tenho 57 anos de idade, trabalho aqui no mercado central há 40 anos. Desde minha mocidade e meninice estou aqui, meu pai era pecuarista e agricultor, então ele nos levava tempos para a agricultura e tempos aqui pro comércio, mas quando foi em 1962, eu fiquei aqui de uma vez por todas. Vim parar aqui por um problema de hereditariedade, eu herdei isso do meu pai. Meu pai sendo agricultor e também comerciante, nos mostrou dois caminhos, ele nos ensinou isso, preferi o comércio, pejei muito para estudar, mas eu tinha dificuldade imensa em Matemática, então desisti. Optei pelo comércio porque o comércio é mais rentável, o trabalho é melhor, mais maneiro, a agricultura meu Deus do Céu! Estou há muitos anos em Mossoró, moro há 51 anos na mesma rua e tive 4 filhos. [...] o comércio foi um fator preponderante para formação dos meus filhos, aqui foi à base, a fonte produtora para eu adquirir recursos para investir nos estudos deles e custeasse. (Carlos)

Nas narrativas dos sujeitos pesquisados, pudemos comprovar os traços de sua existência, suas origens e construções. Na fala de Francisca evidencia-se a luta para se estabelecer em um lugar, sua trajetória de busca por estabilidade e crescimento desde muito cedo, realidade esta vivida por muitas pessoas que tiveram e tem sua existência ligada ao campo. Percebe-se ainda a forte influência patriarca nas decisões da família, tanto na tomada de decisão de seu pai, quando resolveu sair de sua terra natal objetivando melhorias, como nos períodos em que Francisca acompanha seu esposo em seu trabalho. Francisca destaca as dificuldades e superações no casamento e a perda dos filhos, como pontos marcantes em sua memória e trajetória.

²É válido destacar que os entrevistados foram ouvidos em momentos diferentes, visto que ambos não atuam nos mesmos ambientes de trabalho. Outro ponto que merece ênfase é que o primeiro entrevistado foi orientado a ser pesquisado pela professora orientadora da disciplina, o segundo entrevistado foi selecionado a partir do olhar de um dos pesquisadores, com o intuito de dar autonomia e consequentemente amadurecimento ao pesquisador aprendiz.

³ As falas dos sujeitos foram transcritas, sem haver modificações, buscamos fortalecer a veracidade do estudo preservando cada elemento cogitante à pesquisa, buscando respeitar ao lugar do outro, ao tempo do outro, as experiências do outro, as trajetórias de suas vivências.

⁴ Os atores do estudo permitiram divulgar seus nomes, bem como as informações elucidadas, todavia, preferimos utilizar nomes fictícios, com o intuito de preservar suas identidades.

Outro ponto identificado nos dizeres de Francisca diz respeito a sua migração do campo para os espaços urbanos. Ela inicia sua vida no campo e em busca de melhores condições de vida, reporta-se à zona urbana, onde luta e constrói sua vida, junto com seu esposo e filhos. Bosi (1994, p.89) menciona que:

O privilégio pertence a todos aqueles cuja memória sabe discernir para além do presente o que está enterrado no mais profundo passado e amadurece em segredo para os tempos que virão. Hoje a função da memória é o conhecimento do passado que se organiza, ordena o tempo, localiza cronologicamente.

Nas palavras de Francisca o passado reconstruído, por meio de sua autobiografia, não é somente o antecedente do presente, é a sua fonte. Sua história e memória traçam a vida de um ser que assim como outros, tiveram que buscar a sustentabilidade não no lugar a que pertencem, mas em terras longínquas. Francisca demonstra elementos de sua personalidade (determinada e batalhadora), estes talvez, foram pontos de equilíbrio nas suas lutas e conquistas.

Carlos ao desvelar os caminhos e como se tornou comerciante patenteia as poucas oportunidades que a vida lhe oportunizou, mais uma vez, como também mostrado na fala de Francisca, a influência do pai como algo relevante nas escolhas da família aparecem, bem como, o despreço pelo trabalho na agricultura e a busca de melhores condições vitais longe do lugar de origem (ambos os sujeitos viviam no meio rural).

Além dos pontos destacados nas palavras de Carlos até o momento, percebemos que ele ao apontar a ausência de uma educação formal para si, buscou investir na vida estudantil de seus filhos, validando suas experiências no seu processo formativo humano, atentando à necessidade de se ter uma educação, uma formação institucionalizada mediante o ensino superior ou profissionalizante.

Além das narrativas apresentarem pontos da existencialidade dos sujeitos, suas origens, caminhos percorridos em sua história de vida, as mudanças que passaram até então, as falas demonstram ainda sua trajetória na profissão, o que os levou a exercer tais funções.

Bem, após ter vindo morar em Mossoró queria fazer algo em minha vida, não queria ficar parada, então resolvi negociar, meu marido foi despedido do trabalho, então comecei a vender bolos para sobreviver, eu fazia os bolos e meu esposo saía vendendo, nós passamos 3 meses nessa luta e a firma que meu esposo trabalhava chamou ele de volta, fomos sorteados com uma casa, pelo governo do Estado, fomos morar no Santa Delmira, [...] lá botamos um comércio de cereais, [...] passamos 5 anos, mas uma noite fomos roubados,

meu esposo ficou com medo e vendeu a casa e compramos outra casa aqui bem próximo da COBAL meu esposo foi vender no vucó-vucó, e eu fui vender confecções, foi fracassando a venda dele de carros, lá ele vendia também carros, e resolveu ir embora para o Rio Grande do Sul e eu fiquei aqui sozinha em Mossoró, quando ele voltou, eu decidi trabalhar, não podia ficar parada, então um dia vim até o mercado, procurei o gerente e ele me ofereceu o ponto, fiquei um tempo pesquisando sobre o que ia colocar para vender, resolvi fazer tapioca, bolo, beiju e comecei finalmente com isso, [...] quando foi um dia, meu esposo trabalhava em uma firma, ela ia botar um pessoal pra fora, ele estava no meio, eu orei a Deus, pedi para que iluminasse algo para vender, eu vendia muita tapioca, mas isso só não dava, Deus tocou meu coração e disse: Coloca queijo! Coloca queijo! Resolvi colocar um queijinho, falei com meu filho, inclusive somos muito amigos, eles são meus melhores amigos, e faz uns 15 anos que trabalho aqui com queijo. (Francisca)

Em 2012 vai fazer 40 anos de batente, todos os dias de 6:00 da manhã às 6:00 da tarde, eu me encontro aqui, quem quiser falar comigo eu trabalho aqui, com redes, com roupas, com calçados, artigos de rede, mantas de rede, cordões, cobertas,[...]. O trabalho no início aqui era rudimentar, nos tínhamos uma banquinha que era móvel, [...] todos os dias às 13:00 nós tínhamos que evacuar, não podíamos trabalhar o dia completo, era lei daquele tempo, [...] nós feirantes, ambulantes não podíamos ficar o dia todo, [...] aí quando foi em 1969, fomos evacuados para dentro do mercado. [...] Consegui estabilidade no comércio, com garra, com afinco mesmo, lutei pelo que queria como falei com você na entrevista passada, de tanto lutar pela causa, tornei-me apaixonado pela coisa, minha tenacidade foi essa, eu me peguei com o comércio, [...] fui até as últimas consequências, enquanto Deus me der saúde, estarei aqui presente. [...] O segredo do comércio é você tentar sua estabilidade, ser leal com seus fornecedores, ser leal com sua clientela, você trazer uma mercadoria de qualidade, vender aquilo que permanece. [...] Optei a trabalhar com isso, pela diversificação do comércio. (Carlos)

Como afirma Passegi (2008), o ato de falar sobre si, implica geralmente em pensar sobre o que falar, a memória seleciona aquilo que para ela ficou como significativo. Na compreensão dos pesquisadores que estudam as histórias de vida, as reflexões tecidas pelos pesquisados, não são apenas histórias e experiências, elas são sua existência, sua identidade, que está aberta a si, ao outro, ou seja, ao mundo.

As narrativas de Francisca explicitam todo percurso vivido até atingir a estabilidade profissional, os períodos difíceis, porém vencidos, a união existente na família, o apoio que busca no marido e nos filhos para suas decisões, a fé em Deus, o desejo a não se limitar apenas aos cuidados do lar, as barreiras impostas à sua profissão (o roubo nas vendas de cereais), atrelados e juntos a outros pontos compõem o ser-Francisca. A narradora mostra, ao narrar, suas lições àqueles iniciantes, sua sabedoria, sua vida. As lembranças localizam cada tempo (seu processo de estabilidade no trabalho, as incertezas e barreira superadas), o vivido é presente, vivo novamente, compreendido e exercido. Bosi (1994, p.85) diz:

A arte da narração não está confinada nos livros, seu veio épico é oral. O narrador tira o que narra da própria experiência e a transforma em experiência dos que escutam. [...] A narração é uma forma artesanal de comunicação.

Carlos por sua vez, fala sobre as condições iniciais de seu trabalho, elucidando seu crescimento, seu fortalecimento, sua escolha de vender determinadas mercadorias, o eixo fundamental para o equilíbrio e sucesso na profissão. Ele também legitima seu amor ao comércio e a sua função de vendedor quando diz que de tanto lutar pela causa, tornou-se apaixonado pela coisa, afirmando veridicamente o apresso à profissão.

Outro ponto percebido em Carlos é que apesar de não ter tido, como afirmou, uma educação institucionalizada e voltada ao comércio, possui um saber específico importante para sua profissão. Ao destacar que o segredo do comércio é a estabilidade, a lealdade com seus fornecedores e clientes e trazer mercadorias de qualidade, confirma que o saber da experiência é fator decisivo no sucesso de sua carreira profissional.

O cenário referendado nas narrativas permiti-nos conceber que narrar sobre si, é voltar-se para si, é neste momento, que os atores do estudo, constroem sua imagem, pensam sobre sua formação. As histórias de vida discutidas oportunizou-nos ver o ser com aspectos não ligados unicamente à sua condição socioeconômica. Logo, os traços de suas identidades, estas constituídas por inúmeras dimensões (cultural, psíquica, econômica, social, axiológica, ontológica, dentre outros), pontuam claramente a pluralidade e a singularidade que constituem o homem, suas ações e fazeres no espaço em que vive.

SABERES E FAZERES DA EXPERIÊNCIA: UM ARCABOUÇO DE APRENDIZAGEM

Ao acompanhar em poucos momentos a luta diária dos atores da pesquisa, percebemos o que sustenta seus fazeres e suas práticas. É sabido que o saber da experiência consiste em um saber específico daqueles que tem uma formação fundamentada no dia a dia. A vida dos sujeitos pesquisados nos Mercados, *lócus* do estudo, é como uma escola.

Vender, conquistar o cliente, ganhar o pão de cada dia, divulgar mercadorias, fazer contas, são ações que, para muitos, exige uma formação ancorada na cientificidade, em cursos específicos. Os atores do estudo desenvolvem seu fazeres,

dialogando com aquilo que aprenderam e aprendem na vida, no cotidiano. A originalidade de suas ações pertence às raízes de sua cultura, é a atitude subjacente a si próprio e ao seu mundo que a vida reflete.

Os saberes na luta, os fazeres na profissão emergem de um pensar autônomo, pensar da experiência vivida cotidianamente, são saberes e fazeres de reflexão, de ação, não são oriundos dos conhecimentos científicos. Produzem-se no sentir, no agir. As falas abaixo ilustram estas afirmações:

Quando comecei a vender queijo, não tirei logo a tapioca e o bolo, deixei no meio, só tirei quando vi que a clientela estava segura e dava para sobreviver. [...] O comerciante nunca deve discutir com o cliente, ele deve ouvir o cliente. Tenho clientes que me compram há 10 anos, clientes que se tornaram frequentes diretamente, e assim, todos os anos eu trago algo para presentear meus clientes, esse ano mesmo, eu comprei 220 livros, porque é um presente especial porque você lê e marca na sua vida. Quando é dia das mães eu presenteio com flores. Eu tenho clientes de todo tipo [...], trato as pessoas muito bem, porque você ser cativado com certeza você vai se identificando com aquela pessoa, se a pessoa te trata mal, é casca grossa, você sente medo pra se aproximar, quando você encontra aquela pessoa alegre, amiga, que fala a verdade, eu não minto aqui para vender nada, se a mercadoria não está boa, eu não boto na banca, eu devolvo ao fornecedor, se eu tenho consciência de que o queijo não está bom, eu não vendo pra você, pra ninguém, então eu ganhei essa confiança das pessoas, então assim se você me comprar você passa para seus vizinhos, para seus amigos. Elas vêm aqui porque têm informações do meu queijo. Eu aprendi muito aqui, aprendi muito com meu pai, [...] procuro não trazer problemas de casa pro meu trabalho. A gente tem que saber conviver com os problemas. (Francisca)

Hoje meu nome é invejável no comércio, basta um telefonema meu, vem à mercadoria que eu quiser graças ao meu caráter e a minha personalidade e a minha tenacidade em andar direito. [...] Com muita dificuldade eu fiquei, relutei no comércio. [...] Eu não devo a ninguém, estar no comércio hoje é uma questão de equilíbrio, é uma questão de consenso, é querer estar nele, e poder estar nele, é você andar correto com seus clientes, com seus fornecedores. [...] O segredo que eu tenho assim comigo sobre a atração do cliente, é a sua confiança, é a sua perspicácia no comércio, é a sua luta, é sua desenvoltura, sua boa dicção, sua boa expressão, sua maneira de abordar, é isso que almejo que eu vejo no comércio. Tenho clientes que me compram de tradição, há 20 anos, mostro o que há de melhor, o artigo duradouro. Procuro zelar meu nome. Nossa lealdade, nossa fidelidade, nossa amizade, nosso modo de ser, de viver, nosso exemplo de vida. [...] Isso é importante para as vendas. Tenho boas relações com meus companheiros de trabalho, nós trabalhamos aqui com o intercâmbio comercial, eu tenho a rede, a manta, eles têm o sapato, tem a camisa, nós trocamos clientes, eu dou clientes a eles, eles me dão clientes também. É importantíssimo fazer esse trabalho de parceria, sozinhos não chegamos a lugar nenhum. [...] O comércio me trouxe a experiência de vida. A convivência harmoniosa que nós temos aqui ensina muito, o espírito de coleguismo, de companheirismo, é isso que nos incentiva a prosseguir.

Ao desenvolver um relatório para UNESCO, no ano de 2001, Delors (2001), discorre sobre os quatro pilares à educação do século XXI. Para o equilíbrio da civilização planetária a formação humana deverá ser uma formação multirreferencial,

subsidiando-se no desenvolvimento dos saberes essenciais à vida e em consequência a terra, ao cosmo. Os pilares da educação, conhecidos mundialmente como a base que a verdadeira educação deve atentar no processo de ensino-aprendizagem, aparecem claramente nas narrativas dos sujeitos da pesquisa.

O primeiro saber é o “saber conhecer”, do ponto de vista de Delors (2001), aprender a conhecer supõe antes de tudo, aprender a aprender, exercitando a atenção, a memória e o pensamento, buscando nas experiências da vida, fortalecer o espírito do conhecimento. Francisca e Carlos mostram que o conhecer é algo que se dá na prática. Agir no tempo certo, lutar e esperar são características que se destacam nas histórias de vida dos sujeitos pesquisados.

A dimensão do “saber fazer” caracteriza-se na tessitura dos saberes experienciais à prática que é exercida no âmbito de trabalho e da vida: fazer amizades, tratar bem os clientes, vender o que é bom, ter boa desenvoltura, são pontos vistos nas narrativas de Francisca e Carlos.

O “saber conviver com o outro”, sendo o terceiro pilar da educação deste século, compreende as relações vividas pelos comerciantes. Destacam-se na pesquisa realizada como aspectos a serem considerado nestas discussões: a capacidade de fazer e receber os clientes, o espírito de grupo, a capacidade de diálogo, o viver coletivamente. Os elementos mencionados anteriormente, considerados como atitudes e qualidades preponderantes à vida humana, surgem em cada narrativa, dos atores do estudo.

Por fim, salientamos o último saber, este permeia nos demais três primeiros saberes elencados antepostos. O “saber ser” é a ética, a moral, o respeito, a consciência em manter a lealdade e a honestidade que aparece nas ações e nos fazeres dos sujeitos em discussão.

Os diálogos tecidos no decorrer deste texto poderiam prorrogar-se e adentrar-se em outros debates, todavia este não é nosso objetivo, acreditamos que as discussões desenvolvidas, proporcionam ver algumas das mutlidimensões dos saberes e fazeres dos sujeitos que exercem e vivem suas vidas, tendo como polo a experiência. Para tanto pensamos que com as histórias de vida elucidadas, apresentamos pontos nodais na compreensão do que seja o verdadeiro viver no contexto civilizacional.

O QUE A PESQUISA NOS DEIXOU...

Não podemos expressar em vocábulos os momentos e experiências, os quais, compartilhamos no decorrer deste período de estudo. Como ressaltado anteriormente, as

discussões tecidas neste texto, emergem de construções e aprendizagens oriundas da disciplina Memória, Formação e Pesquisa (Auto) biográfica, do Mestrado em Educação, da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte-UERN.

Compartilhar, refletir, aprender e crescer são contributos singulares na formação do profissional da educação, exigindo tempo, experiência, pensar sobre o ser e o fazer educação. A professora orientadora da disciplina Ana Lúcia Aguiar Lopes Leandro, com sua infinita sabedoria conduziu-nos através dos estudos com o gênero autobiográfico conhecer a pluralidade existente nesta abordagem de pesquisa.

O estudo com as histórias de vida interfere positivamente na formação identitárias dos professores no seu processo formativo. Identificamos o quanto as narrativas circunscrevem as características do sujeito e de sua cultura no tempo. Enquanto lemos as narrativas mergulhamos em nossos investimentos pedagógicos de professores, que busca na pesquisa compreender e trazer pontos qualitativos à sua formação.

Referenciando-me em Josso (2010), a qual alude que ao narrar nossas vidas construímos e reconstruímos nosso ser, pois ao debruçar nosso pensar acerca de nossas memórias, percebemos o caráter artesanal do viver, a cada dia formamos e nos formamos, conscientizando-nos sobre o ontem e o amanhã. Os narradores do estudo ao narrarem suas trajetórias, comungam com o vivido dando sentido ao tempo de sua história, percebendo talvez pontos antes não vistos, fortalecendo seu ser e espírito.

As (auto)biografias tornam-se ciência e consciência na medida que adquirem sentido para ambos sujeitos inseridos no processo de reconstrução do vivido e do sentido durante o tempo. Portanto, as experiências vivenciadas neste trabalho de cunho científico e formativo revelam de modo límpido que a atividade de pesquisa que efetivamente desenvolve o espírito reflexivo promove autonomia à medida que proporciona a nós docentes nos reconhecer e pensar sobre nossa condição humana e educativa.

REFERÊNCIAS:

BOSI, Ecléa. **Memória e Sociedade: Lembranças de Velhos**. 3. Ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.

DELORS, Jacques. **Educação: Um tesouro a descobrir**. Ed.6. São Paulo: Cortez; Brasília, DF: MEC: UNESCO, 2001.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1997.

JOSSO, Marie-Christine. **Experiências de vida e formação**. 2. Ed. São Paulo: Paulus, 2010.

MORIN, Edgar. **A religação dos saberes**. O desafio do século XXI. Ed.8 Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2010.

NÓVOA, Antonio. **Os professores e sua formação**. Lisboa: Dom Quixote, 2000.

PASSEGGI, Maria da C. (Org.). **Tendências da Pesquisa (auto) biográfica**. Natal-RN: EDUFRN; São Paulo: Paulus, 2008.